



F u l u s t r e c a

LUIZ RAUL MACHADO

*Ilustrações
Roger Mello*

**Livro do
Professor**

**Responsáveis
pelo Material:**

Elizabeth Gavioli
e Adriana Costa

TRAMA

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Trama Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

TRAMA EDITORA LTDA.

Rua Candelária, 60/GRP 701 a 714 — Centro

Rio de Janeiro/RJ

20.091-020

Direção editorial: Daniele Cajueiro

Editoras responsáveis: Luana Luz e Mariana Elia

Produção editorial: Adriana Torres, Bárbara Anaissi e Laura Souza

Copidesque: Sol de Mendonça

Projeto gráfico: Larissa Fernandez

Diagramação: Henrique Diniz

Material Digital de Apoio à Prática do Professor que
acompanha o Livro do Professor da obra *Fulustreca*,
1ª edição.

Elizabeth Gavioli; Adriana Costa.

Rio de Janeiro: Trama, 2021.

Título:	Fulustreca
Autor:	Luiz Raul Machado
Ilustrador:	Roger Mello
Tema:	Diversão e aventura
Gênero literário:	Poesia, poema, trava-línguas, parlendas, adivinhas, provérbios, quadrinhas e congêneres
Categoria:	1° ao 3° ano

1. CARTA AO PROFESSOR

Fulustreca é uma obra constituída por versos lúdicos cujo tema se desenvolve em torno da capacidade de transformação de “uma coisa que virava qualquer coisa que chegava perto dela”. Sua originalidade é anunciada no título, que corresponde a essa mágica metamorfose, além de ser sugerida, também, nos movimentos do texto.

Seu conteúdo pode ser situado no universo lúdico da descoberta e do brincar com palavras, oferecendo ao leitor diferentes possibilidades de compreender o termo que dá nome ao livro. Trata-se de um texto pertencente ao gênero literário **poesia**.

Como obra possível de ser lida por diferentes faixas etárias, é apropriada para as crianças do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, foco das propostas deste material.

Em linguagem acessível e surpreendente, a multiplicidade de arranjos dos versos abrange a organização usual em estrofes, passa por recursos gráficos do poema visual, brinca com a disposição do texto nas páginas e desafia o leitor, envolvendo-o no processo de criação e leitura.

Nessa “poesia festeira”, como bem definiu Sylvia Orthof no texto da quarta capa, o eu poético evoca universos semânticos distintos, num passeio imaginário por diferentes ambientes: abre-se a porta para o jardim, o céu e os elementos do cosmos, a noite e o dia, o jogo e a brincadeira, o mar e o mundo do circo.

As ilustrações mesclam fundo e figura, palavra e imagem, ao mesmo tempo em que dão espaço para que o leitor decalque, com sua imaginação, os sentidos do texto.

As páginas finais são um convite às infinitas possibilidades a que cada leitor é chamado a desbravar, mergulhando na ideia de procurar e encontrar, de se esconder e se achar nos seres transformados, construindo histórias imaginárias.

SOBRE O AUTOR

Luiz Raul Machado é um escritor carioca, nascido em 1946. Jornalista atuante por anos e especialista em literatura infantil, tem vários trabalhos publicados em jornais e revistas, foi editor de obras de autores conhecidos da literatura infantil e juvenil, além de ter se dedicado a projetos relacionados ao universo do livro.

Seu prazer pela escrita literária resultou em uma série de livros infantis e juvenis, entre os quais está **Fulustreca**, que recebeu o selo Altamente Recomendável pela



Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 1995, recebeu o prêmio Orígenes Lessa — O melhor para o Jovem, da FNLIJ, e, 2013, ganhou o Prêmio ABL de Literatura Infantojuvenil.

SOBRE O ILUSTRADOR

Roger Mello, nascido em 1965, em Brasília, é um ilustrador e autor com reconhecida produção artístico-literária. Artista de uma arte visual composta por traços marcantes, cheios de cor e ludicidade, é autor de livros de imagem, escreveu obras para o público infantil e teve trabalhos reconhecidos também na área de dramaturgia e produção visual.

Destacou-se no Brasil e no exterior, tanto por sua produção quanto pela participação em feiras e exposições. Entre os prêmios nacionais estão o Jabuti e os prêmios e selos Altamente Recomendáveis da FNLIJ, e entre os internacionais, o Hans Christian Andersen, do International Board on Books for Young People (IBBY). Atualmente é vice-presidente do Instituto de Leitura Quindim.

O PAPEL DA LITERATURA E DA LEITURA LITERÁRIA

Entre as competências específicas de linguagens e de língua portuguesa para o Ensino Fundamental na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), estão as seguintes, cuja descrição passa pela proeminência da literatura e o papel da leitura literária:



Competência 5, de linguagens: Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência 9, de língua portuguesa: Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Como se pode ler, também, no documento da Política Nacional de Alfabetização — PNA (Brasil, 2019a), a leitura é “um meio propício para ampliar o vocabulário, enriquecer a expressão oral e escrita, despertar a sensibilidade estética e o gosto pelos livros”. O documento ressalta a contribuição da **educação literária** para a formação do imaginário da criança e de sua visão de mundo e a importância de se oferecer momentos de leitura nas escolas, bibliotecas e nos ambientes familiares, integrando, assim, o cotidiano da criança.

Convém acrescentar, a despeito do valor de se ler uma obra literária como experiência individual e solitária, a relevância da leitura realizada em conjunto. Como afirma Bajour, “para aqueles que são mediadores entre os leitores e os textos, é enriquecedor pensar como leitura esse momento do bate-papo sobre o lido, o intercâmbio acerca dos sentidos que um texto desencadeia em nós” (Bajour, 2012).

Assim, a interação entre professor-aluno e aluno-aluno é fundamental para alcançar os objetivos de leitura. Essa troca envolve aspectos peculiares, como a sensibilização para o ato de ler; a fruição natural; o manuseio do objeto livro; o envolvimento com o conteúdo; as hipóteses dos leitores e os sentidos dados por eles ao texto; a possibilidade de ler em conjunto; as reações diante das surpresas que um livro oferece; a apreciação estética; a busca e seleção de outras obras do mesmo autor ou gênero; a experiência única que determinada obra pode propiciar; as experiências múltiplas possíveis a partir de sua leitura; além de outros aspectos emergentes das singularidades dos leitores e dos contextos em que se inserem.

É nessa postura dialogal que a leitura literária ganha corpo e vida, torna-se frutífera, favorece a apropriação, pelas crianças, da própria experiência, já que o regresso ao texto por meio da conversa sempre traz algo de novo.

JANELAS DE LEITURA ABERTAS PARA *FULUSTRECA*

Vamos oferecer algumas propostas de abordagem para a sala de aula. Essas atividades estão divididas em três momentos: **pré-leitura**, **durante a leitura** e **pós-leitura** e contêm subsídios, orientações para que você, professor, possa ler a obra com sua turma.

Por ser o ato de ler, essencialmente, a relação pessoal, de encantamento, intimidade e adesão que se estabelece entre o leitor e a obra, as atividades propostas não visam substituí-lo, mas complementá-lo.

Para além da construção de sentidos obtida nos percursos de leitura, vale levar em conta, como diz Peter Hunt, que os significados literários, emotivos e impressionistas, conotativos e denotativos, também dizem respeito a “quem os leitores são, onde eles estão, quando e por que leem, o quanto os leitores conhecem, o quanto já leram e o quanto desejam ler; e são a capacidade de entendimento que os leitores possuem” (Hunt, 2010).

Ressalte-se, ainda, que nos diversos processos de leitura possíveis de serem realizados na sala de aula, há que se ter uma mediação fundamentada na percepção dos diferentes horizontes que coexistem no mundo do leitor infantil. Ao mesmo tempo, muito importará nessa aventura literária que o adulto possa render-se ao livro junto com os alunos, mesmo que a experiência dele seja sempre diversa da experiência da criança.

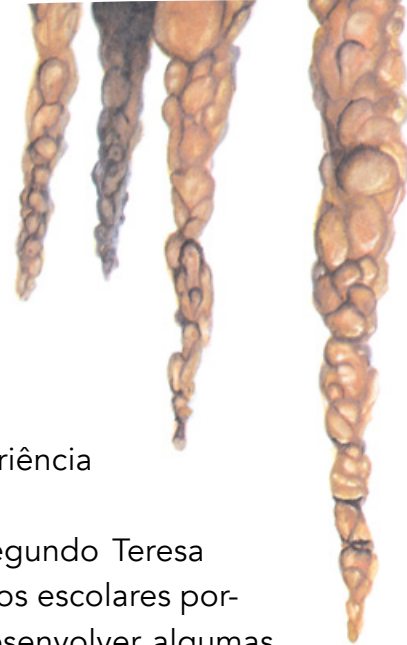
No âmbito do trabalho com a competência leitora, segundo Teresa Colomer (2014), a literatura deve fazer parte dos conteúdos escolares porque, por meio de um trabalho organizado, é possível desenvolver algumas habilidades, como refletir sobre o mundo, criar realidades, ampliar o repertório de linguagem, saber relacionar informações, compreender e interpretar um texto e relacioná-lo com o mundo cultural.

O Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (2020) também salienta alguns aspectos da leitura compartilhada:

Atividades explícitas de leitura compartilhada de livros são importantes para engajar os alunos em iniciativas literárias e promover o desenvolvimento da linguagem oral. A leitura compartilhada de livros pode ser feita de forma interativa (apontar e fazer perguntas sobre os desenhos dos livros, imitar personagens etc.) ou dialógica (quando a leitura suscita perguntas e diálogos entre o professor e o aluno, permitindo comentários e a expansão do conhecimento).

Estas ações promovem um ambiente estimulante para que a criança aprenda a contar histórias, pratique o questionamento e tenha interesse em aprender a ler.

O livro **Fulustreca**, por sua natureza literária, e com a devida mediação, pode ser um estímulo à literacia, favorecer o trabalho de construção de competências e habilidades, além de ser um material propício à leitura compartilhada, conforme se verá nas sugestões de atividades propostas no transcorrer deste manual.



2. PROPOSTAS DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

Por meio de um trabalho sistemático e organizado, mediado pelo professor, o livro **Fulustreca** permite desenvolver a valorização da palavra poética, a elaboração de hipóteses, a motivação para a utilização de diferentes linguagens, a imaginação e a criatividade, a valorização e a fruição de expressões artísticas e culturais.

A **leitura dialogada** consiste na interação, por meio de perguntas e respostas, entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura.



Seguem algumas possibilidades de abordagem para a obra, em três etapas de leitura, passíveis de serem enriquecidas com ideias e procedimentos que cada professor saberá compor com base na realidade de seus alunos, em seu contexto e em experiências prévias.

ATIVIDADES PRÉ-LEITURA

1. Antes de iniciar a leitura propriamente dita, escolha o ambiente onde ela vai acontecer. Um modo possível e apropriado de vivenciar esse momento é organizar os alunos em uma roda, sentados no chão, em ambiente diferente daquele em que as aulas acontecem ou, se preferir, realizar a leitura na sala de aula. Para que essa primeira aproximação com o livro transcorra com naturalidade, situe o grupo quanto à atividade que será feita, esclarecendo ser muito importante que os estudantes participem dela. Procure deixá-los à vontade para se expressarem, sem se esquecer de combinar todos os eixos eficazes de organização da participação de todos.
2. Peça que os estudantes estejam com seus livros em mãos para começar uma conversa sobre a obra. Pode-se perguntar, primeiro, se eles gostam de ler livros, onde costumam encontrá-los, de quais livros se recordam de ter lido e gostado. Os alunos não alfabetizados podem ter realizado a leitura de livros de imagens, os demais poderão citar suas experiências de leitura, conforme o que foi possível a eles vivenciar.
3. Dê continuidade ao diálogo, perguntando sobre a capa e sobre o título do livro:
 - Ao observar a capa do livro, quais ilustrações você vê? E na quarta capa?
Como na capa e na quarta capa não foram ilustrados seres em sua totalidade (exceto o cacto), este poderá ser um momento de jogo, em que o grupo será desafiado

a perceber quais são os itens representados. Na capa: camarão (parte dianteira), gato (rabo), ave branca (penacho), rã (pata), bola (parte do objeto), cacto no vaso (parte do vaso), camaleão (rabo), ave (garra, similar à de gavião). Na quarta capa: bola (parte do objeto), coelho (pernas traseiras), zebra (o rabo e a perna do animal).

- Qual é o nome do ilustrador (a pessoa que criou os desenhos) que você vê na capa? Oriente-os a encontrar, na capa, a palavra “ilustrações”, para que eles reconheçam que Roger Mello é o nome do artista.

- Você gosta de conhecer palavras novas?

- Vamos ler juntos a palavra que dá título ao livro?

Para as turmas que ainda não são alfabetizadas, leia, sílaba a sílaba, **FULUSTRECA**, depois a repita de modo mais natural, fluentemente. Para as turmas alfabetizadas, deixe que os alunos leiam a palavra, experimentem pronunciá-la, em voz alta, mais de uma vez, saboreando os sons que a constituem.

- O que você imagina que essa palavra significa? O que será que ela quer dizer? Neste momento, não convém procurar o sentido exato da palavra ou consultar dicionários, mas trabalhar com as hipóteses dos alunos, calcadas na imaginação deles.

- Qual é o nome do autor de **Fulustreca**?

Deixe que eles localizem e leiam o nome de Luiz Raul Machado.

As biografias do autor e do ilustrador da obra **Fulustreca**, contidas na página final, podem ser lidas para (ou com) os estudantes nesta etapa inicial ou, se preferir, ao final da leitura do livro.



ATIVIDADES DURANTE A LEITURA

A leitura compartilhada, proposta nesta etapa, é aquela realizada pelo professor, em voz alta, que utiliza seu livro enquanto os estudantes acompanham no livro deles. O professor lê emprestando sua voz e sua experiência de leitor literário aos estudantes, desempenhando o papel de modelo de leitor, tornando-se referência que poderá ser adotada pelos alunos em suas leituras autônomas. É uma estratégia que permite aos leitores iniciantes perceberem os elementos envolvidos nesse ato, de modo que, ao professor, cabe uma preparação antecipada, focada nos aspectos do texto literário que merecem destaque. Este momento de fruição pode se efetivar em duas leituras: a primeira, realizada pelo professor, e a segunda, com a participação dos alunos.

Seguem algumas sugestões para cada uma delas:

A leitura de **Fulustreca**, em sua proposta lúdica, requer manuseio específico do livro. O leitor precisará incliná-lo para ler versos dispostos na diagonal (páginas 16 e 24), alterar a posição do livro para ler os versos alocados em sentido diferente do usual (páginas 18, 19, 22 e 23) e os que estão de ponta-cabeça (página 21). Assim, é necessário orientar os alunos para este manejo nas leituras propostas a seguir, conforme os objetivos desejados.

Ouvir e fruir

Inicie a leitura de **Fulustreca** para sua turma, preocupando-se com o ritmo, a entonação e a frequência da voz, lembrando que seguir a leitura em voz alta pode ser um desafio para os alunos em etapas iniciais de alfabetização. A apreensão do conteúdo do texto por parte dos estudantes se dará, também, por conta das estratégias empregadas para facilitar a audição dos versos e a compreensão dos sentidos do texto pelos leitores. Para obras com versos “brincalhões” como **Fulustreca**, cabe até mesmo criar diferentes vozes, conforme o personagem se transforma, o que pode contribuir para ganhar a atenção dos leitores. Algumas estrofes exigem um ritmo de leitura ainda mais dinâmico, especialmente aquelas que listam uma série de transformações de Fulustreca, dando efeito de transformações em cadeia. Veja alguns exemplos:

Fulustreca-passarinha
voava e virava nuvem,
sol, estrela, depois chuva
em mil gotas coloridas. (p. 13)

Virou conchinha, bichinho,
palito de picolé,
pazinha, balde, forminha,
castelo de baratinha,
chiclete, bicho-de-pé,
folha solta de jornal,
boné voando no vento,
raquete de frescobol,
bola de vôlei, peteca. (p. 21)

O ideal é que, num primeiro momento, a leitura do livro ocorra de forma fluida, do início ao fim, mas é preciso considerar a necessidade de situar os estudantes, chamando a atenção para quando for virar a página, dando tempo para que eles também possam fazê-lo ao seguir a leitura.



Enquanto lê, vá acompanhando as reações das crianças, as expressões faciais, os movimentos corporais, o modo como se envolvem com o texto para, na leitura seguinte, na medida do possível, incluir procedimentos que acomodem suas expectativas.

Leitura participativa

1. Antes de iniciar a segunda leitura do livro, agora com a participação dos alunos, é possível escolher alguns modos de leitura com base nas características do próprio texto. Para criar efeitos diferentes, seguem algumas ideias:

a. Escolher algumas estrofes para os alunos lerem coletivamente. Sugestões: a estrofe da página 7; a última da página 16; a última da página 26 e a da página 29.

b. Escolher algumas estrofes para alunos voluntários lerem individualmente. Sugestões: a estrofe da página 9; a da página 18; a primeira da página 26 e a da página 28.

c. Escolher versos finais de estrofes para os alunos repetirem, enfatizando os versos, a um sinal combinado com a turma. Sugestões: os alunos podem repetir os dois últimos versos das estrofes contidas nas páginas 14, 15, 23 e 24 quando o professor bater palmas.

A sugestão **c** é possível às crianças que ainda não leem ou ainda não adquiriram fluência leitora.



2. Se julgar necessário, repita a leitura participativa e verifique o que pode ter saído diferente da leitura anterior. Ouça os alunos a respeito dessa experiência.

- Quem gostaria de dizer algo sobre a leitura que fizemos juntos hoje?
- Você já tinha visto um livro que tivesse que movimentar, mudar de posição, para poder ler ou acompanhar a leitura? Como foi, para você, essa experiência?

Nos anos iniciais, é possível solicitar que os alunos sigam com o dedo o que está sendo lido. Essa é uma competência que precisa ser construída gradualmente e sempre com a ajuda do professor ou com um colega mais experiente. Se julgar necessário, organize um momento da leitura em duplas para que os alunos possam realizá-la desse modo.



ATIVIDADES PÓS-LEITURA

Em cada tópico a seguir estão algumas propostas destinadas a alcançar um olhar mais detido sobre a obra, em atividades de compreensão de texto que devem ser realizadas processualmente, além de atividades que trabalham a apreciação estética.

Leitura processual

As etapas de leitura processual podem ser realizadas em dias diferentes, conforme o professor julgar conveniente para a dinâmica da turma. É interessante que elas sejam registradas previamente nos planos de aula, compondo seu planejamento. Estas etapas favorecem que os alunos permaneçam por mais tempo em companhia do livro, envolvidos em ações decorrentes de modos de ler e objetivos de leitura diversos.

No transcorrer da leitura dia após dia, será possível abordar alguns pontos da obra, além dos propostos nas etapas anteriores, sempre adequando o diálogo, a reflexão e a apreciação à linguagem e às possibilidades cognitivas da faixa etária dos alunos. Merecem destaque:

- O jogo de relações que se estabelece nos versos: há sempre alguma relação entre aquilo em que Fulustreca se transforma e a “coisa que chegava perto dela”.
- A dinamicidade de Fulustreca, que passa por diversos ambientes como se voasse por aí, sem limites de tempo e espaço.
- A menção a uma infinidade de substantivos que nomeiam e identificam os seres em que ela se transforma.
- O convívio entre os elementos do cotidiano (mundo real) e os do mundo imaginário, visto que há um universo mágico que envolve tanto a possibilidade de transformação constante quanto de deslocamento de ambientes em fração de segundos.

Compreensão e apreciação estética

Os livros podem proporcionar experiências estéticas importantes para leitores de todas as idades. A obra de Luiz Raul Machado propicia o contato com o *nonsense* (universo do absurdo), amparado pelas possibilidades de criação e originalidade poéticas. As imagens resultantes das transformações deste ser podem levar à exploração de sentidos e à percepção de recursos expressivos por parte dos alunos. Os versos lúdicos convidam a novas experiências com a linguagem, além de permitir o enriquecimento de vocabulário, e, em atividades significativas, colaborar com a apropriação da leitura e da escrita nos anos iniciais e, no 3º ano, com sua consolidação.

Pelas páginas de Fulustreca: ler e interpretar

1. Leia, para a turma, o trecho inicial do livro (página 6):

Fulustreca
era uma coisa
que virava
qualquer coisa
que chegava
perto dela.



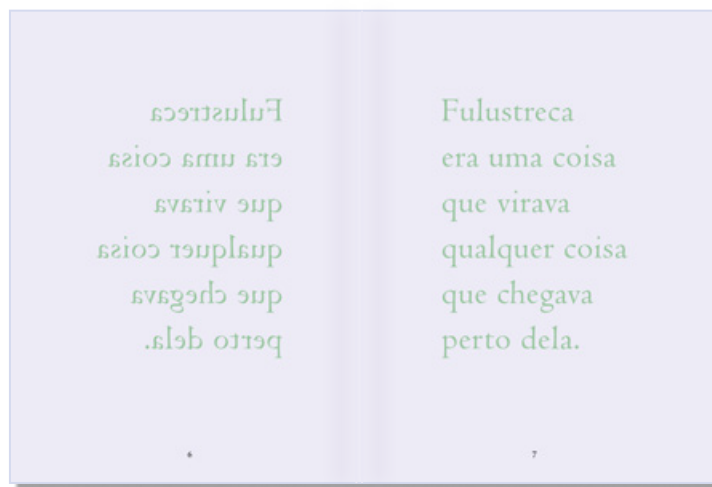
Depois continue a leitura dos versos das páginas 8 e 9.

- Por que será que Fulustreca virou fechadura? E por que virou horta? E couve-flor? *Espera-se que os alunos mencionem que Fulustreca se transforma em algo que está próximo dela: a fechadura está na porta, a horta está no ambiente do jardim e flor por conta da couve-flor que estava por perto. Para que eles percebam que o ambiente influencia as transformações de Fulustreca, pode-se perguntar:*
- Será que, se Fulustreca estivesse no mar, viraria uma fechadura? Ou viraria uma bola de futebol?
Vale pedir para que os alunos avancem, por exemplo, para a página 23, e percebam que isto não aconteceria. Os alunos também descobrirão o que ela virou quando estava no fundo do mar.

Ao mesmo tempo que interpretam o texto, os alunos podem ir brincando, dando ideias para as transformações de Fulustreca em cada ambiente pelo qual ela transita: Após ler as páginas 16 e 19, é oportuno seguir com a brincadeira:

- Qual brincadeira Fulustreca poderia ter escolhido depois do futebol e da amarelinha? E em que ela teria se transformado nesta nova brincadeira?
- Afinal, na sua opinião, quem é Fulustreca? O que faz com que ela se transforme o tempo todo?
Deixe que os alunos falem sobre Fulustreca do modo como a entenderam.

2. Peça para os estudantes observarem, na página 6, um texto disposto de modo colateral, ocupando o mesmo número de linhas que o da página 7. Não anuncie, ainda, o espelhamento.



Pergunte a eles:

- Na página anterior (página 6), qual foi a brincadeira que o autor fez com as palavras dos versos? Como ficaram as letras naquela página?

Espera-se que eles notem que se trata de um texto espelhado. Para as crianças que estão iniciando a alfabetização, é suficiente localizar, por exemplo, a letra "f" de Fulustreca, mostrar que foi escrita em outra direção e deixar que elas localizem apenas as letras com as quais têm familiaridade. Assim, poderão notar que, na página 6, as palavras estão espelhadas. Pode-se usar um espelho para que os alunos percebam que, olhando a página refletida, é possível visualizar o texto escrito do modo convencional.

- **Fulustreca** é um livro diferente. Vamos folheá-lo e encontrar os modos diferentes do que normalmente vemos nas páginas dos livros?

Deixe que os estudantes notem os textos escritos na diagonal (páginas 16 e 24), de ponta cabeça (página 21) ou em outra disposição (páginas 18, 19, 22 e 23). Eles poderão falar sobre como perceberam os diferentes modos de ler e o que tiveram que fazer para seguir a leitura nestas páginas.

- Essa mudança de posição para lá e para cá lembra alguma coisa sobre o jeito de agir de Fulustreca?

É provável que os estudantes estabeleçam uma relação entre este jeito dinâmico de ler com o jeito Fulustreca, que vive se movimentando, se tornando algo diferente.

3. Explique aos alunos que os poemas são compostos por versos, e que os versos se organizam, geralmente, em estrofes. Depois, deixe que percebam que os versos podem ter outros arranjos, como acontece nos poemas visuais. Peça aos alunos que

localizem o texto da página 8 e relacione os versos da esquerda à imagem de uma porta. Em seguida, desafie-os a descobrir que efeito é provocado pelo arranjo das palavras à direita. Eles poderão ilustrar uma casa com porta e janela, conforme a ideia contida nos versos.



4. Em seguida, peça que os estudantes localizem os versos das páginas 18 e 19 e os desafie a interpretar o que os versos têm de visual, perguntando:

- Há algo que chamou a atenção no modo como os versos foram organizados nestas páginas? Qual verso é diferente dos demais? Pense na brincadeira da amarelinha e olhe para o segundo verso: por que as letras parecem estar caindo? *Os alunos que costumam jogar amarelinha poderão relacionar o movimento de queda das letras ao percurso da pedrinha quando é lançada na brincadeira.*

Um mundo de palavras novas

A palavra “fulustreca”, do título, é citada na biografia do autor: “Fulustreca nasceu em 1994, da vontade que sempre tive de usar palavras antigas e engraçadas.”

1. Para as turmas que já conhecem a consulta às palavras no dicionário, pode-se pedir aos alunos que procurem¹ a palavra “fulustreco” (no masculino), o que permitirá concluir que se trata de alguém que, de modo intencional, não se deseja nomear ou pode significar, simplesmente, uma pessoa qualquer. Nos versos de Luiz Raul Machado, não é possível saber exatamente quem ou o que é Fulustreca, e esta ausência de informações, a indefinição das características físicas sobre esse ser, é que é a base para a brincadeira do livro. Assim, os leitores se concentram mais no jeito de ser e de agir da personagem, e não em sua aparência, que, afinal, não é fixa.

¹ Caso os alunos ainda não tenham habilidade para realizar esse procedimento, é útil mostrar um dicionário, explicando que se trata de um livro com o significado das palavras. Não é necessário, neste momento, aprofundar a explicação, citando outras funções e características do dicionário, para não atrapalhar o trabalho específico de compreensão textual do livro.

2. É possível checar se os alunos gostariam de saber o significado de outras palavras, por exemplo, as que estão relacionadas à presença de Fulustreca no fundo do mar, como “seixo” e “alga”. Pode-se sugerir que os alunos façam a pesquisa, junto com a família, destas palavras ou de outras cujo significado desconheçam.

3. Por fim, os estudantes podem pesquisar outras palavras que, na opinião deles, poderiam dar nome a Fulustreca e explicar por que eles acham que essa palavra combinaria com este “ser” que pode se transformar em coisas variadas.

Modos de dizer...

1. Nos trechos a seguir, é possível notar o modo original como a linguagem foi usada para criar efeitos imagéticos ou de sentido. Valorize estes e outros trechos, auxiliando os alunos a perceberem, em abordagem adequada às crianças, os resultados do uso da linguagem ou do modo como a ludicidade das ideias apontam como Fulustreca é um ser divertido, imprevisível, original. Importa, aqui, que os estudantes possam desfrutar esteticamente do texto, não que eles acertem a resposta.

- Vamos voltar à página 19. Será que era fácil jogar amarelinha com a Fulustreca?
- Por que será que os números também sentiram vontade de se transformar?
Com base na leitura dos versos, provavelmente será possível que os alunos percebam Fulustreca como alguém travessa, serelepe, “levada da breca”. Em diálogo, eles poderão concluir que seu perfil brincalhão contagiou os números da amarelinha.

2. Mostre aos alunos a ilustração das páginas 14 e 15 e pergunte se eles sabem o que é o luar, verificando se reconhecem a representação do luar na imagem. Anuncie aos alunos que você vai ler alguns versos e peça que eles fechem os olhos e prestem atenção ao que vão ouvir. Faça uma leitura bem expressiva da estrofe que está na página 14.

Ou então ela era lua
e, escorregando em luar,
vinha pro meio da rua
brincar, brincar e brincar.

Oriente-os a manter os olhos fechados e imaginar o que está sendo dito nos versos. Repita a leitura e pergunte aos alunos:

- Como foi imaginar uma lua escorregando no luar? E a lua brincando no meio da rua?

- Quem achou interessante a imagem de uma lua escorregando no luar? Por quê? *As questões propostas contribuem para que os alunos percebam a construção da imagem descrita nos versos e a apreciem esteticamente.*

A respeito dos dois últimos versos, continue:

- Quantas vezes a palavra brincar aparece?
- O que quer dizer: ir para a rua brincar, brincar e brincar?
Espera-se que a turma conclua que, no contexto, a expressão “brincar, brincar e brincar” significa que a lua brincou bastante. Aproveite para perguntar aos alunos como eles imaginaram esta cena. De que será que a lua brincava? Caso considere conveniente, os estudantes podem ilustrar a lua brincando.

3. Aproveite os versos para identificar as rimas luar/brincar e lua/rua e, a partir daí, puxar o cordão das rimas:

- O que mais rima com luar?
Vale escolher, neste momento, outras estrofes e deixar que os alunos identifiquem as palavras que rimam, saboreando-as, criando outras a partir delas.

Passarinho / ninho CRIANÇA / GARGALHADA
SAPECA / BICICLETA Chinfrim / PIRLIMPIMPIM

O desenvolvimento da **consciência fonológica** é favorecido, entre outros aspectos, pelo reconhecimento de rimas e o manejo de elementos que envolvem as crianças em atividades planejadas e sistemáticas com vistas à consolidação do processo de alfabetização. O livro **Fulustreca**, tomado de modo significativo e contextual, pode favorecer este trabalho nos anos iniciais do Ensino Fundamental.



De volta às ilustrações

1. Nas atividades pré-leitura, os alunos foram convidados a olhar para as ilustrações da capa e da quarta capa, enquanto, no decorrer das leituras, eles puderam, naturalmente, apreciá-las, página a página. Retome essas ilustrações, oferecendo um tempo para que eles folheiem novamente o livro. A atividade pode ser feita individualmente ou em duplas. Após este passo de apreciação livre, pergunte a eles:

- Qual ilustração mais chamou sua atenção? Por quê?

Este é um momento em que se pode conversar sobre os diferentes modos de representar, em uma ilustração, os elementos do texto. Se possível, aproveite a oportunidade para apresentar e valorizar vários tipos de ilustração de obras literárias: o estilo de cada ilustrador, os traços, as cores, as técnicas, os materiais: massinha, linha, recorte e cole, origami, entre outros.

- Você notou que cada dupla de páginas tem uma cor de fundo diferente?

Deixe que a turma identifique as cores de fundo. Depois, apresente exemplos para que notem a diversificação de recursos visuais. Pode-se perguntar, por exemplo:

- Que animal está representado nas cores e formas que dão fundo às páginas 10 e 11?

Brincando com os versos

1. Apresente à turma a pergunta que está nas páginas finais: “Será que essa minha história nunca mais que vai ter fim?”.

- Converse com a turma: se Fulustreca vive se movimentando, e vira qualquer coisa que chega perto dela; será que ela vai parar um dia de se transformar?
- Qual seria o único modo de Fulustreca parar de virar outra coisa?
- E, então, será que a história de Fulustreca acaba ou não?

Os alunos poderão opinar do modo como preferirem, discutindo se a história terá ou não fim. As opiniões poderão tomar rumos diferentes: eles podem considerar que, sendo uma característica de Fulustreca, a história não terá fim porque ela nunca vai parar de se transformar. Mas também é possível pensar que ela se cansaria de viver se transformando ou que desejou mudar, ou mudou naturalmente, tornando-se diferente, ou que perdeu o poder da transformação. O leitor também poderá associar a pergunta ao fato de o livro ter chegado ao final, então, nesse caso, a história teve fim. Ou considerar que o livro teve fim, mas a história, não. O importante é que os estudantes levantem suas hipóteses com liberdade, visto que não apenas o texto e a interpretação poderão servir de base para fundamentá-los, mas também libertam a imaginação de cada um.

2. Agora, convide-os a brincar, relendo os versos da página 15.

Anuncie que a criançada chamada a brincar são eles. Pode-se propor uma brincadeira de mímica, em que cada aluno escolha algo em que se transformar. Uma ideia é chamar um voluntário e dar a ele uma lista de palavras que fazem parte do livro. Ele escolherá uma para representar na mímica, como se fosse Fulustreca. Os demais

tentarão adivinhar que palavra é essa. Convém auxiliar os alunos que estão na fase inicial de alfabetização, verificando quais deles já sabem ler. Auxilie os que não leem ainda. Veja, agora, algumas sugestões de palavras que fazem parte dos versos: mágico, sapo, malabarista, bilheteiro, músico, água, bola, bandeira, chuva, galinha.

Para além do livro — alfabetização, gramática, semântica

A palavra “fulustreca” é sugestiva com relação a seu aspecto sonoro. Em alfabetização, para os anos iniciais, pode-se explorar o “r”, posicionado entre consoante e vogal na sílaba “tre” de FULUSTRECA e, a partir deste vocábulo, criar atividades lúdicas com os grupos consonantais: br, cr, dr, fr, gr, pr, tr, vr, como cruzadinhas e jogo da memória (para palavras ilustráveis), caça-palavras ou mesmo outros formatos de atividade para contemplar o estudo sistemático das relações som-grafema.

No livro, há vários exemplos de sílabas com essas ocorrências em palavras, como: **estrela**, **brincalhona**, **criançada**, **trapalhada**, **gritava**, **pedrinha**, **frescobol**, **estranho**, **chinfirim**, **equilibrista**, **atração**, **sempre**, **treco**, entre outras.

Para trabalhar a letra “r” em outra posição, há também ocorrências desta letra no final da sílaba, posposta à vogal: **perto**, **porta**, **jardim**, **horta**, **luar**, **gargalhada**, **lugar**, **circo** etc.

Para os alunos do 3º ano, pode-se partir do texto para desenvolver um trabalho com o substantivo, tendo como base os versos em que eles são abundantes. As atividades poderão levá-los a perceber que, na obra, os substantivos são fundamentais, visto que nomeiam, com frequência, as coisas nas quais Fulustreca se transforma.

Para envolver o universo semântico dos vocábulos, dá para criar um jogo em que os alunos tenham de identificar as palavras relacionadas aos ambientes em que a transformação de Fulustreca ocorre, lê-las e distribuí-las em conjuntos. Por exemplo:

- Grupo 1- MUNDO VEGETAL E ANIMAL (páginas 9 a 13): jardim, horta, flor, couve-flor, joaninha, galinha, pinto, passarinho.
- Grupo 2 – CÉU (páginas 13 e 14): nuvem, sol, estrela, chuva, lua.
- Grupo 3 – FUTEBOL NA RUA (página 16): chuteira, bola, apito, bandeira, gol, atacante.
- Grupo 4 – MAR (páginas 22 a 24): água, sal, alga, peixe, seixo, areia, sereia.
- Grupo 5 – CIRCO (páginas 26 a 29): palhaço, mágico, músico, malabarista, equilibrista, bilheteiro, coelho saindo da cartola, homem de aço, mulher barbada, bicicleta.

Aproveite o momento para verificar a habilidade de leitura dos estudantes, mas também a capacidade de estabelecer relações semânticas, considerando o contexto dado nos versos do livro.

3. A LEITURA DO LIVRO *FULUSTRECA* NA PERSPECTIVA DA LITERACIA

A **literacia** pressupõe uma utilização eficiente e frequente da leitura, da escrita e do cálculo. Trata-se de um contínuo de competências, isto é, a literacia não é uma capacidade “dicotômica” — ou você tem ou não tem. Ela depende de uma série de habilidades adquiridas, antes da alfabetização propriamente dita, e desenvolvidas e consolidadas depois dela (Brasil, 2019a).

Para crianças mais novas, a literacia emergente reforça a consciência fonêmica e o conhecimento alfabético. Já no caso das mais velhas, ajuda a entender os tipos e os gêneros textuais. No entanto, há um longo caminho até que os estudantes possam ler e escrever com autonomia (Brasil, 2021).

Na base do processo, temos a literacia básica, que vai da Educação Infantil ao fim do 1º ano do Ensino Fundamental e inclui a aquisição das habilidades fundamentais para a literacia emergente, como o **conhecimento de vocabulário** e a **consciência fonológica**, além de habilidades adquiridas durante a alfabetização, como as habilidades de leitura e escrita (Brasil, 2019a).

Dentre as habilidades de literacia emergente, salientam-se a **consciência fonêmica** e o **conhecimento alfabético**, capacidades que seguem sendo desenvolvidas no 1º ano do Ensino Fundamental. Desta forma, as experiências iniciadas na Educação Infantil ganham teor mais profundo.

Em um segundo momento, encontra-se a literacia intermediária, que vai do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental e compreende habilidades mais avançadas, como a **fluência em leitura oral**, necessária para a compreensão de textos. (Brasil, 2019a).

No ápice do processo, está a literacia disciplinar, que em geral ocorre do 6º ano do Ensino Fundamental ao Médio e se caracteriza pelas habilidades de **leitura aplicáveis a conteúdos específicos** de disciplinas, como geografia, biologia e história.

O presente material direciona-se ao final da primeira etapa e ao início da segunda. Nessa fase, tem-se como habilidades fundamentais a serem desenvolvidas: a consciência fonêmica; a instrução fônica sistemática; a fluência em leitura oral; o desenvolvimento de vocabulário; a compreensão de textos e a produção de escrita. **Fulustreca** pode ser utilizada para desenvolver ou consolidar as quatro últimas habilidades (fluência leitora, vocabulário, compreensão e escrita), além de permitir a reflexão sobre a **direcionalidade da escrita**.

Consciência fonêmica (EF01LP07):² Envolve a habilidade de refletir e manipular os sons da fala na menor unidade, os fonemas. A consciência fonêmica ou nível

² Os códigos se referem a habilidades previstas na BNCC.

fonêmico da consciência fonológica emerge quando a criança se dá conta de que as palavras são formadas por sons que podem ser modificados, apagados ou reposicionados (Oliveira, 2004). A unidade de estudo é o fonema, que são as unidades básicas da fala, espécie de unidade mínima e indivisível, como se fosse o átomo das palavras. Ficar ciente dessas unidades básicas é o que se entende por consciência fonêmica. Tal habilidade é desenvolvida durante o processo de alfabetização e, dentre as habilidades fonológicas, é a última a se desenvolver (Oliveira, 2004), pois requer experiências específicas. Esse nível pode ser alcançado mediante atividades orais de: segmentação (dizer quantos sons há em determinada palavra); síntese (ouvir uma palavra, som por som, e descobrir que palavra foi falada); contagem (contar quantos sons tem uma palavra); identificação (identificar um som específico numa palavra); acréscimo (acrescentar um som em uma palavra e verificar que outra palavra foi formada); exclusão (apagar um som de uma palavra e criar uma nova); produção (dizer uma palavra a partir de um som), entre outras operações.

Instrução fônica sistemática (EF01LP05; EF01LP07; EF01LP10): A língua portuguesa tem escrita alfabética essencialmente fonêmica, baseada na relação entre os sons e as letras. Essa relação é estabelecida pelo princípio alfabético da escrita: palavras escritas contêm combinações de unidades visuais, os grafemas, que são sistematicamente relacionados às unidades sonoras das palavras, os fonemas. Para alfabetizar-se, é preciso, portanto, que a criança compreenda o funcionamento do sistema de escrita alfabético, que se baseia na correspondência entre fonema e grafema.

As crianças chegam ao 1º ano com um conhecimento intuitivo do sistema fonêmico da língua oral e precisam ter consciência de como os sons se relacionam com as letras e de como essa relação é arbitrária. Para isso, faz-se necessário o ensino explícito dessa relação.

Uma vez que a criança aprende a ler palavras isoladas, ela deve desenvolver a fluência para alcançar níveis competentes de compreensão de leitura. Novamente, as evidências indicam que, para estimular a fluência, deve ser promovida a leitura repetida e a adequação da prosódia durante a leitura de textos (Navas, 2020).

A fluência em leitura oral é a capacidade que se tem de ler um texto com velocidade (reconhecer as palavras rapidamente), prosódia (ler com ritmo, entonação e



expressão) e de forma precisa (decodificar corretamente as palavras) (Brasil, 2021), sendo formada por vários componentes, tais como:

- o reconhecimento preciso das palavras (ler sem trocar letras);
- o reconhecimento automático das palavras (ler as palavras em uma frase com a mesma velocidade da linguagem oral);
- e a atenção à pontuação (pausar e alterar a voz ao se deparar com os sinais).

O livro **Fulustreca** pode ser utilizado no desenvolvimento da prosódia leitora, uma vez que o livro é rimado, proporcionando cadência na leitura.



A fluência é de suma importância para o leitor, uma vez que libera sua memória, ao diminuir a carga cognitiva dos processos de decodificação. Assim, o leitor concentra-se na compreensão do que é lido. A fluência torna, assim, a leitura menos trabalhosa e mais agradável, já que leitores mais fluentes dão mais atenção às conexões entre as ideias do texto, focando mais na compreensão do que na decodificação em si.

Em outras palavras, a falta de fluência em leitura representa um risco, uma vez que prejudica o interesse e a motivação do aluno. Isso porque alunos que têm menos fluência acabam lendo menos, provocando impactos em seu desempenho cognitivo e escolar (Brasil, 2021).

A fluência é atingida tanto pela instrução adequada, direta e explícita, quanto pela prática vasta da leitura. **Fulustreca** pode ser utilizado para leitura compartilhada, leitura com parceiro e, no 3º ano, como leitura independente (Brasil, 2021).

Chamamos de **vocabulário** o conjunto de palavras que são utilizadas para a comunicação — quanto melhor ele for, melhor será a comunicação. Ele costuma ser classificado como oral (palavras utilizadas na fala ou na escuta) ou escrito (palavras utilizadas na leitura ou na escrita).

Marzano (2010) propõe um processo de seis passos para o ensino do vocabulário que pode ser usado tanto pelo professor ao ler **Fulustreca** quanto pela família.

1. O educador explica o significado de uma palavra nova, indo além da definição do dicionário, usando sua imaginação.
2. As crianças explicam o significado da palavra nova com suas próprias palavras.
3. As crianças criam uma representação não linguística da palavra, como um desenho.

4. Os alunos se envolvem em atividades que aprofundam seu conhecimento da palavra nova, como encontrar sinônimos e antônimos.
5. Os alunos conversam sobre a palavra nova.
6. De tempos em tempos, os alunos fazem jogos e reveem as palavras que aprenderam.

O significado das palavras pode ser descoberto no próprio texto ou pelo conhecimento de mundo, sendo necessário, para isso, que o leitor seja exposto a encontros incidentais com as palavras, ou que ocorra uma instrução direta. A compreensão só é alcançada se o aluno é capaz de entender a palavra, e, para isso, ele precisa dispor de um vocabulário básico.

Já a **compreensão** é o objetivo de toda leitura. Ela demanda o desenvolvimento de recursos cognitivos extremamente sofisticados que, ao mesmo tempo em que se assentam nas competências linguísticas orais, também as transcendem. São conhecidas como habilidades acessadas no ler para aprender (Sánchez Miguel, 2004). Compreender é a capacidade de criar relações. As relações se ordenam de modo progressivo, de maneira que, uma vez criadas algumas, surge a necessidade de se criar outras.

Pode-se dizer que há dois tipos diferentes de relação: a que permite interconectar local e globalmente a informação extraída do texto (isto é, compreensão superficial) e a que permite integrar a informação do texto com o conhecimento do leitor (compreensão profunda). Importante ressaltar que, para alcançar qualquer um dos dois tipos, faz-se necessário o uso de estratégias metacognitivas de motivação e de habilidades de autorregulação (Sánchez Miguel *et al.*, 2012).

Como se pôde ver, o objetivo maior da alfabetização é que o indivíduo leia com compreensão e, a partir daí, também escreva de forma compreensível, proficiente e independente. Por isso, a PNA apregoa as atividades de escrita como parte essencial na Educação Básica (Brasil, 2021).

É nesse momento que entra em cena a **produção de escrita** inicial, que se baseia nos conhecimentos sobre a escrita considerados relevantes para a aprendizagem formal, algumas convenções relacionadas ao texto (direção da escrita, separação entre palavras, pontuação), além de conhecimentos sobre as funções da escrita. Mais adiante, abrange a escrita de palavras isoladas, a escrita propriamente dita e a redação (Brasil, 2021).

Após a leitura da obra, o educador pode solicitar que as crianças realizem uma escrita compartilhada (EF01LP18, EF01LP25), resumindo o texto. O livro **Fulustreca** também possibilita a reflexão sobre a direção da escrita, como, na página 6, em que o educador pode refletir a imagem num espelho e explorar a leitura com as crianças, conforme foi sugerido nas atividades de leitura.

Concluindo sobre a importância da literacia e da numeracia, pode-se afirmar que, de todas as competências culturais, ler, escrever e calcular são, talvez, as mais valorizadas em nossa sociedade. Entretanto, aprender implica um processo de ensino sistemático e prolongado, que vai além da literacia emergente (Brasil, 2019a).

É justamente por isso que a leitura literária adquire importância, pois ouvir e ler histórias têm uma tripla função: cognitiva, linguística e afetiva (Morais, 1996). No nível cognitivo, a leitura ensina pela estrutura de história (lida ou contada) e pelos comentários que suscita, ajuda a perceber melhor os acontecimentos, a organizar e reter a informação, a elaborar cenários e esquemas mentais.

Já no nível linguístico, ler e ouvir histórias permite esclarecer as relações entre linguagem escrita e linguagem falada. Possibilita o aumento do vocabulário, expõe o aluno a uma complexidade linguística, a diferentes entonações de voz e a prosódia. A linguagem da vida cotidiana está cheia de ordens (“não mexa”, “escove os dentes” etc.). Por isso, é necessário oferecer às crianças outras linguagens, isto é, a da escuta, a da leitura em voz alta e a de sua própria leitura. Estamos falando de uma linguagem mais elaborada e com um vocabulário mais rico.

Em nível afetivo, ouvir histórias permite a descoberta do universo da leitura por meio daqueles em quem mais se confia. Estes sujeitos mostram vontade de esclarecer as partes mais difíceis e de repetir as histórias, permitindo à criança saber de cor palavra a palavra, focando a atenção nos aspectos formais do texto (Morais, 1996). Quando se lê à criança uma boa história e, em seguida, se conversa com ela; quando se analisam o texto e as convenções utilizadas; quando se relaciona esta mesma história com experiências de vida, contribui-se para o gosto pelas histórias e, naturalmente, para que as crianças venham a ser leitoras no futuro (Morais, 2013). A leitura de histórias é uma atividade rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de forma específica.



4. A LITERACIA FAMILIAR: UM TRABALHO CONJUNTO ENTRE EDUCADORES E FAMÍLIA

O termo literacia familiar é constituído por um conjunto de práticas de escrita e, neste caso, de leitura, cujos participantes são as crianças e os familiares, que podem e devem ser guiados e incentivados pela escola. Engloba a forma como os cuidadores, as crianças e outros membros da família utilizam a literacia e a numeracia em casa e na comunidade.

A literacia familiar é a promoção, realizada pelos responsáveis, do desenvolvimento da linguagem e do interesse da criança pela leitura. Ou seja, em nenhum momento, ela sugere que o ensino da leitura possa (ou deva) ser realizado pela família.

No Brasil, a escola, de um modo geral, incluindo a instituição de Educação Infantil, tem a responsabilidade de favorecer aquilo que é próprio da experiência infantil em nossa cultura e, também, de ampliar suas possibilidades e seus conhecimentos (Oliveira e Silva, 2016), cabendo a ela o ensino formal da leitura.

Na realidade, o conceito de literacia familiar envolve mais a importância de a família se envolver na educação dos filhos, promovendo uma parceria saudável com os educadores, para que todos atinjam o principal objetivo: alfabetizar a criança.

É nos anos iniciais do Ensino Fundamental que o aluno começa a construir sua autonomia como leitor. Para isso, é importante intercalar a leitura feita pelo adulto com momentos em que as crianças leem sozinhas, tanto na escola como em casa.

Conforme as orientações do programa “Conta pra mim”, formulado pela Secretaria de Alfabetização do MEC, a literacia familiar é o envolvimento dos responsáveis na educação dos filhos, criando, assim, momentos em que todos desfrutam do afeto e do divertimento em família por meio de obras literárias e das palavras e imagens nelas contidas.

Na prática, é o ato de os responsáveis interagirem com as crianças durante a leitura em voz alta. É fazer com que os pequenos desenvolvam as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever por meio de estratégias muito simples e divertidas, passíveis de serem executadas sem muitos recursos (Brasil, 2019b).

Assim, construir ações planejadas para orientar as famílias na participação efetiva na vida escolar de seus filhos é um desafio a ser perseguido pela comunidade escolar. A aprendizagem em família propicia aos adultos e às crianças oportunidades de eles se tornarem aprendizes independentes e proativos para toda a vida.

A seguir, destacamos algumas práticas da literacia familiar oferecidas pelo guia *Conta pra mim*, do Ministério da Educação, que contribuem para o desenvolvimento da criança:

- A interação verbal, que consiste nos momentos de conversa com as crianças. Essas conversas contribuem para o aumento do vocabulário e o fortalecimento dos laços afetivos. Aqui importam a quantidade e a qualidade dos diálogos.
- A leitura dialogada, que consiste na leitura em voz alta feita pelo adulto para a criança com momentos de interação entre leitor e ouvinte, com troca de informações sobre trechos e imagens que despertaram a atenção.
- A contação de histórias, que consiste em narrar histórias usando palavras, imagens, gestos e sons, de forma a despertar o interesse do ouvinte. A narração de histórias é uma maneira de entreter, educar, preservar a cultura e discutir valores. É importante interagir com as crianças nessa prática.
- Os contatos com a escrita. É comum também observar, no ambiente familiar, a criança fazer tentativas de escrita (com lápis, giz de cera), conversas com outras pessoas, manuseio de livros infantis, brincadeiras cantadas, recitação de quadrinhas, jogos com letras e palavras e várias outras experiências decorrentes dos momentos de convivência do dia a dia.
- Os momentos lúdicos vivenciados em família, em que a criança participa de atividades diversas com seu grupo de convivência de brincadeiras, jogos, dança, canto acompanhado de instrumentos musicais, passeios e viagens.

É importante ressaltar que a leitura não deve ser utilizada como pretexto para ensinar a ler, mas como meio de proporcionar momentos de prazer e desfrute da leitura, promovendo, em simultâneo, o desenvolvimento da literacia emergente (Brasil, 2019a). Espera-se que a obra **Fulustreca** permita muitas aprendizagens e desfrutes.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*; trad. Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *BNCC — Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, SEALF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC, SEALF, 2019a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Conta pra Mim: Guia de Literacia Familiar*. Brasília: MEC, SEALF, 2019b.

BRASIL. “Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências” [recurso eletrônico] / org. Ministério da Educação – MEC; coord. Secretaria de Alfabetização – Sealf. Brasília: MEC, SEALF, 2020.

BRASIL. *Práticas de alfabetização: livro do professor alfabetizador*. Brasília: MEC. SEALF, 2021.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MARZANO, Robert. J. *Teaching basic and advanced vocabulary*. Boston: Heinle, 2010.

MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: Unesp, 1996.

MORAIS, José. *Criar leitores: para professores e educadores*. Barueri, SP: Manole, 2013.

NAVAS, Ana Luiza. “Transtornos específicos de aprendizagem: da avaliação à intervenção”. In: Giacheti, C.M. (Org.). *Avaliação da fala e da linguagem: perspectivas interdisciplinares em Fonoaudiologia*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

OLIVEIRA, João Batista Araújo. *ABC do Alfabetizador*. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2004.

OLIVEIRA E SILVA, Isabel de. “Docência na educação infantil: contextos e práticas”. In: BRASIL. *Ser docente na Educação Infantil: entre o ensinar e o aprender*. (Coleção leitura e escrita na Educação Infantil, v.2). Brasília: MEC/SEB, 2016.

SÁNCHEZ MIGUEL, Emílio. "A linguagem escrita e suas dificuldades: uma visão integradora". In: COLL, C.; MARCHESI, A. & PALACIOS, J. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÁNCHEZ MIGUEL, Emílio; PÉREZ, J. Ricardo Garcia & PARDO, Javier Rosales. *Leitura na sala de aula: como ajudar os professores a formar bons leitores*. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.

TAKADA, Paula. "Teresa Colomer: 'Literatura não é luxo. É a base para a construção de si mesmo'". In: *Nova Escola*. São Paulo: 2014. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/928/teresa-colomer-literatura-nao-e-luxo-e-a-base-para-a-construcao-de-si-mesmo>. Acesso em setembro de 2021.



6. SOBRE AS RESPONSÁVEIS PELO MATERIAL

Elizabeth Gavioli

Carta ao professor / Propostas de abordagem em sala de aula

Bacharela e licenciada em Letras – Português e Linguística – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Em sua trajetória profissional, atuou como professora no Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos e em projetos na área editorial. Atualmente, é autora de materiais didáticos e consultora educacional.

Adriana Costa

A leitura do livro Fulustreca na perspectiva da literacia / A literacia familiar: um trabalho conjunto entre educadores e família

Fonoaudióloga clínica. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 2009). Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS – 2002). Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA/RS – 1997) e em Neuropsicologia Escolar pela PUCRS (2019). Possui experiência em docência e em pesquisa, atuando atualmente como pesquisadora do Projeto ACERTA – Avaliação de Crianças em Risco para Transtornos de Aprendizagem no Instituto do Cérebro do RS (InsCer/PUCRS).

Coautora do *CONFIAS – Consciência fonológica*: instrumento de avaliação sequencial (2003) e dos softwares *Pedro no parque de diversões*: desenvolvendo a consciência fonológica (2008) e *Pedro em uma noite assustadora*: consciência fonêmica e relação letra-som (2015). Participou da adaptação para a língua portuguesa do livro *Consciência fonológica em crianças pequenas* (2006), da Editora Artmed. Revisou e adaptou o livro *Aprender a ler e a escrever a partir da fônica*: um programa abrangente de ensino (2015), pela Editora Penso. Colaborou na investigação e no desenvolvimento, principalmente dos estímulos linguísticos, do software *Graphogame Brasil*, aplicativo lançado em 2020 em uma parceria entre o Ministério da Educação e o Instituto do Cérebro do RS (InsCer/PUCRS).